

Uma Palavra Final (28:11–31)

Se há um livro que clama por uma continuação, esse livro é Atos. Quando Paulo estava em Éfeso, ele disse: “...importa-me ver também Roma” (Atos 19:21b). Quando escreveu aos cristãos em Roma, ele falou de ir para a Espanha e depois disse: “...espero que, de passagem, estarei convosco e que para lá seja por vós encaminhado, depois de haver primeiro desfrutado um pouco a vossa companhia” (Romanos 15:24). Quando Paulo foi preso em Jerusalém, Jesus assegurou-lhe: “Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma” (Atos 23:11b). Na tempestuosa viagem a Roma, um anjo lhe disse: “Paulo, não temas! É preciso que compares perante César” (Atos 27:24a).

Na passagem bíblica desta lição, Atos 28:11–31, veremos Paulo finalmente chegar à cidade imperial. Estivemos conjeturando o que aconteceu quando Paulo fez sua defesa perante César. Foi condenado ou solto? Conseguiu realizar seus planos de ir para a Espanha levando o evangelho? Lucas, porém, encerrou o livro com as seguintes palavras: “Por dois anos, permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia todos que o procuravam, pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo” (Atos 28:30, 31)¹. Para os que estão acom-

panhando a história de Paulo, esse fim é uma decepção.

O “súbito” final do livro tem levado à especulação de sua continuação. Será que Lucas pretendia escrever uma continuação que nunca foi escrita? Será que escreveu uma continuação que foi perdida? Não encontramos indícios de que Lucas pretendesse escrever um terceiro volume. Por que, então, Lucas — guiado pelo Espírito — terminou Atos dessa maneira? O principal propósito de Lucas não foi escrever uma biografia de Paulo, mas contar como o evangelho chegou a Roma e ali mesmo prosperou. Tendo esse propósito em mente, veremos o final não como uma decepção, mas como um grito de vitória! Apesar de todos os obstáculos, Deus atingiu Seu propósito!

As palavras chaves nos versos de encerramento são “sem impedimento”: “Por dois anos, permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia todos que o procuravam, pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, *sem impedimento* algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo” (grifo meu). No texto original, a expressão está na posição de destaque na língua grega, no fim do versículo. No centro daquele vasto império, o evangelho estava sem o impedimento daqueles que procuraram suprimi-lo: *sem o impedimento* das autoridades romanas, *sem o impedimento* dos líderes

¹O versículo 31 é a última afirmação em Atos sobre os avanços do cristianismo; a intenção dele parece ser resumir tudo o que aconteceu desde a afirmação anterior sobre os avanços, em 19:20. Certamente, ele resume os acontecimentos do capítulo 28.

judeus, *sem o impedimento* de Satanás. As boas novas de Jesus poderiam fluir livremente da capital para todas as partes do extenso império! Ao ler os versículos 30 e 31, leia-os como Lucas os escreveu: com alegria no coração!

Como a “palavra final” literalmente é “sem impedimento”, vejamos nesta lição *todos* os impedimentos que foram retirados nos versículos 11 a 31, à medida que Deus transformava cada fator negativo em positivo.

UMA PALAVRA FINAL SOBRE A VIAGEM (28:11–16)

Sem o Impedimento da Demora (v. 11)

Paulo e seus companheiros passaram três meses em Malta (v. 11a) — talvez os meses de novembro, dezembro e janeiro. Não sabemos por que Deus quis Paulo na ilha durante três meses. Seria um tempo para Paulo descansar e se recuperar? Seria um tempo para exercitar habilidades que haviam enferrujado durante o hiato de dois anos do apóstolo em Cesaréia? Será que Deus só quis que permanecessem na ilha para que outros tivessem oportunidade de tornar-se cristãos? Quaisquer que tenham sido as razões de Deus, Paulo reagiu à demora amavelmente — como já vimos na lição passada.

Sem o Impedimento da Superstição (v. 11)

Durante os meses de inverno, Júlio, o centurião romano responsável por levar Paulo e os demais prisioneiros a Roma, reservou passagens em outro navio de Alexandria (27:6; 28:11). Esse navio havia invernado na ilha, provavelmente no porto de Valeta, um grande porto do Mediterrâneo, na costa noroeste da ilha.

Como o navio estava a três ou quatro dias do seu destino, quando foi obrigado a parar para invernar, o dono estava ansioso por concluir a viagem. Na primeira oportunidade, ele retomou a rota².

Referindo-se a esse navio, Lucas acrescentou uma observação peculiar: “tinha por emblema

Dióscuros” (v. 11b). O grego traduzido por “Dióscuros” significa “filhos de Zeus”. Segundo a mitologia greco-romana, Castor e Pólux eram filhos gêmeos de Zeus (Júpiter)³. Os irmãos eram considerados divindades protetoras dos marinheiros⁴. O navio de Alexandria tinha uma gravura pintada dos gêmeos em sua proa.

A observação de Lucas determina que ele estava presente⁵; inclui o detalhe trivial de uma testemunha ocular. Esse detalhe também denota a superstição que os evangelistas do primeiro século enfrentaram (e a que muitos ainda enfrentam hoje no mundo). Um fato era certo: os chamados deuses do mar nada fizeram pelos passageiros do navio de Alexandria anterior! Deviam suas vidas ao Deus *verdadeiro*, o “um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas” (1 Coríntios 8:6a; veja Atos 27:24).

Sem o Impedimento do Clima (vv. 12, 13)

Durante a primeira parte da viagem, ventos contrários foram um empecilho (Atos 27:4). Agora, o navio prosseguia rumo ao seu destino sem maiores dificuldades. Navegou primeiro uns cem quilômetros a noroeste, até Siracusa, capital da Sicília⁶. Lucas registrou: “Tocando em Siracusa, ficamos ali três dias” (28:12). Os responsáveis pelo navio talvez tenham passado os três dias fazendo transações comerciais, mas provavelmente aguardavam ventos favoráveis para continuarem a travessia do estreito de Messina. O estreito era famoso por suas correntes de maré e remoinhos de água perigosos⁷. Precisavam que um vento forte os empurrasse uns cento e dez quilômetros até o próximo porto, dentro de vinte e quatro horas.

Finalmente, conseguiram sair de Siracusa, “donde, bordejando⁸, chegamos a Régio” (v. 13a), uma cidade no dedão da botinha da Itália. De Régio, navegaram subiram a costa até o porto comercial de Putéoli, uns trezentos quilômetros ao norte. “No dia seguinte, tendo soprado vento sul” (v. 13b), este os impulsionou pela rota. Ao navegarem ao longo da costa oeste da Itália,

²A navegação no Mediterrâneo mesmo só era retomada em março, mas a navegação costeira (um ou dois dias de viagem) poderia começar no início de fevereiro, se os ventos fossem favoráveis. ³A constelação Gêmini (Gêmeos) foi assim denominada em homenagem aos irmãos mitológicos. ⁴Para um comentário inspirado sobre tais superstições, veja 1 Coríntios 8:4–6. ⁵Lucas (e provavelmente Aristarco) estariam a bordo, juntamente com o centurião, seus soldados e os demais presos. ⁶Veja o mapa na lição “Eu Sou um Cidadão”. ⁷Perto de Régio havia o legendário remoinho de Caribde e o rochedo de Cila. Na mitologia grega, Caribde e Cila eram monstros marinhos que devoravam marinheiros. ⁸“Bordejando” indica que teria sido necessária uma manobra especial em que se recebe o vento ora por um bordo, ora por outro.

teriam passado por “Vesúvio, deixando para trás a confiante cidade de Pompéia”⁹. Percorram esse trajeto num tempo excelente, “em dois dias... [chegaram] a Putéoli” (v. 13c).

Putéoli, situada na Baía de Nápoles, era o principal porto de Roma. Paulo e os demais desembarcaram nesse movimentado porto e teriam andado os cento e vinte quilômetros até Roma a pé.

Sem o Impedimento da Apreensão (vv. 14, 15)

Você já viajou para um lugar que sempre quis visitar e foi ficando cada vez mais apreensivo, à medida que se aproximava do destino? Quando Paulo ficou em pé nas docas de Putéoli, ele devia estar cheio de ansiedade (veja o fim do versículo 15). Ao norte havia os navios de guerra, símbolos do poderio de Roma; ao lado, os iates dos ricos, símbolos do mundanismo de Roma. Além desses desafios, devia lhe preocupar como seria recebido pelos irmãos, enquanto caminhava por Roma como um prisioneiro¹⁰.

Mais uma vez, Deus provou ser “o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação” (2 Coríntios 1:3b). Paulo foi agradavelmente surpreendido ao encontrar “alguns irmãos” (v. 14a) em Putéoli. O evangelho parecia ter se espalhado de Roma até a cidade portuária. Os irmãos convidaram o apóstolo e seus companheiros para “[ficarem] com eles sete dias” (v. 14b). Talvez Paulo tenha chegado numa segunda-feira e os cristãos quiseram que ele ficasse para o partir do pão, no próximo domingo¹¹. De qualquer forma, uma semana completa incluiria o dia do Senhor, quando Paulo poderia usufruir a comunhão dos irmãos de toda a região. Assim como outrora em Sidom (27:3), o centurião permitiu que Paulo ficasse com seus amigos.

Por que Júlio, o centurião romano, permitiu

que a viagem fosse adiada uma semana, já estando eles tão perto de Roma, é um mistério. Teria ele negócios para tratar ali? Teria ele de recompor sua unidade, visto que perderam tudo na tempestade? Estaria aguardando ordens de Roma? Nenhuma dessas possibilidades explicaria uma parada que durou sete dias. Provavelmente, ele concordou em demorar uma semana como um favor pessoal a Paulo. Certamente, ele estava impressionado com o apóstolo. Possivelmente, ele fora tocado pelo evangelho, tornando-se cristão¹².

Durante os sete dias em Putéoli, a notícia de que Paulo chegara alcançou os cristãos de Roma. Imediatamente, uma porção deles partiu para encontrar-se com Paulo (v. 15). No último capítulo da Epístola aos Romanos, Paulo relacionou vinte e seis amigos em Roma; os quais provavelmente estavam entre os dois grupos que se dirigiram ao sul.

Depois de uma semana na cidade portuária, Paulo e os demais oficiais rumaram para o norte, pelo Caminho Apiano, a estrada romana mais famosa¹³. Quando completaram metade da jornada, foram recebidos por um comitê de boas-vindas. Lucas escreveu: “Tendo ali os irmãos ouvido notícias nossas, vieram [de Roma] ao nosso encontro até à Praça de Ápio¹⁴ e às Três Vendas¹⁵” (v. 15a). Havia paradas para descanso ao longo do Caminho Apiano para viajantes fatigados, e grupos de mercadores haviam se apinhado em torno dessas paradas. Uma estação para descanso, a setenta quilômetros de Roma, era a Praça de Ápio. Outra, quinze quilômetros mais próxima da capital, chamava-se Três Vendas¹⁶.

O grego traduzido por “encontro” no versículo 15 “era quase um termo técnico para a recepção oficial de um dignitário visitante, que

⁹Bernard R. Youngman, *Background to the Bible, Book 4, Spreading the Gospel* (“Espalhando o Evangelho”). Londres: Hulton Educational Publications, 1956, p. 90. Pompéia foi soterrada sob uma espessa camada de lava e cinzas do Vesúvio, em 79 d.C. ¹⁰O “espinho na carne” de Paulo também pode ter lhe surpreendido, deixando-o fraco e sem ânimo. ¹¹Foi isso que aconteceu em Trôade. Veja os comentários sobre Atos 20:6, 7 na lição “O Retrato de uma Família”. ¹²Outros soldados tornaram-se cristãos, entre eles Cornélio (Atos 10) e alguns da guarda pretoriana (Filipenses 1:13). ¹³O Caminho Apiano foi assim denominado em homenagem a Ápio Cláudio Caco, que começou a obra em 312 a.C. e pagou do próprio bolso uma parte da estrada. Ápio foi um importante oficial romano, chamado “censor” — um dos dois oficiais responsáveis por fazer o censo e supervisionar a moral e o comportamento público. ¹⁴O grego tem “Appii forum”. Na maioria das cidades, o *forum* era o local primordial para se conduzir os negócios; portanto, poderia ser chamado “praça comercial”. ¹⁵O texto grego tem “três tabernas”, mas uma taberna naqueles dias corresponde a uma hospedaria ou hotel hoje (isto é, incluía quartos para pernoite). ¹⁶Por que alguns pararam nos setenta quilômetros, enquanto outros continuaram mais quinze quilômetros? Certo pregador sugeriu humoristicamente que os cristãos *mais jovens* caminharam mais e os *mais velhos* ficaram cansados nos quinze quilômetros. Talvez tenham planejado assim para que Paulo tivesse duas recepções.

saía da cidade para saudá-lo e escoltá-lo durante a última parte da jornada¹⁷. A apreensão de Paulo dissipou-se ao receber as boas-vindas de um herói! Não é de admirar que Lucas tenha dito: “Vendo-os Paulo e dando, por isso, graças a Deus, sentiu-se mais animado” (v. 15b). Posso ver as lágrimas rolando enquanto ele era saudado pelos velhos e novos amigos.

Pouco depois, a viagem para Roma foi retomada. Que visão deve ter sido: soldados romanos solenes, condenados e cristãos sorridentes andando pelo Caminho Apiano! “E foi assim”, disse Lucas, “que nos dirigimos a Roma” (v. 14c).

Sem o Impedimento da Intimidação (vv. 14, 16)

Lucas concluiu o relato da viagem observando: “Uma vez¹⁸ em Roma¹⁹, foi permitido a Paulo morar por sua conta²⁰, tendo em sua companhia o soldado que o guardava” (v. 16). Em vez de ser colocado na prisão comum, Paulo recebeu permissão para morar numa “casa... alugada” (v. 30)²¹, em prisão domiciliar, acorrentado (v. 20) a uma sucessão de guardas militares.

Paulo finalmente chegara à cidade que por tanto tempo ele desejara visitar. Ao ser conduzido por suas ruas até o local do seu confinamento²², o que teria ele visto e pensado? Como sempre, o relato de Lucas não satisfaz nossa curiosidade. Paulo não estava ali como turista, mas como testemunha do Senhor (23:11). Todavia, avalie-mos o desafio enfrentado por Paulo nessa que foi uma das maiores e mais esplêndidas cidades da antiguidade.

Já andei nas pedras desgastadas do Caminho Apiano, cruzando os portões por onde Paulo deve ter passado. Vi os vestígios dos milhares de templos pagãos que enchiam a cidade naqueles dias. Avistei lá embaixo as ruínas do *forum* — o centro comercial, social, religioso e político da cidade. Toquei nos marcos dourados que demar-

cavam a distância até cada parte do império. Fiquei de pé no Monte Palatino, onde ficava o palácio de Nero.

Quase dois mil anos se passaram desde que Paulo foi levado para Roma; mas feche os olhos e essa “Senhora do Universo” riquíssima e pecaminosa volta a viver. Imagine os diferentes grupos de pessoas nos dias de Paulo: os ricos poderosos que controlavam o império, os pobres indolentes que clamavam por alimento gratuito, os escravos sobrecarregados que supriam os produtos e serviços necessários. Que desafio aterrorizante Paulo e os demais cristãos encararam quando foram a Roma para pregar o evangelho!

Mas, esse não foi um desafio grandioso demais para Deus, que rege todas as questões da humanidade. Em Seus planos e propósitos, o centro do reino político também poderia ser o centro de onde as boas novas do Seu reino seriam espalhadas por todo o mundo habitado. Se todos os caminhos levavam até Roma, eles também levavam *de* Roma até “aos confins da terra” (1:8).

Que significativas, então, são as palavras: “e foi assim que nos dirigimos a Roma” (28:14b)! A viagem de Paulo, iniciada anos atrás, finalmente estava terminando, e uma nova fase do programa evangelístico de Deus estava começando.

UMA PALAVRA FINAL SOBRE A MENSAGEM DE PAULO AOS JUDEUS (28:17–29)

Sem o Impedimento do Confinamento (vv. 17–23)

A carta de Paulo aos Romanos enfatizou que seu procedimento habitual era levar o evangelho “primeiro [ao] judeu e também [ao] grego” (Romanos 1:16c). Numa cidade nova, ele sempre começava o ministério de pregação na sinagoga judaica (Atos 17:1–3). Roma tinha uma numerosa

¹⁷F. F. Bruce, *The Book of Acts* (“O Livro de Atos”), ed. rev. The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, p. 502. ¹⁸Algumas traduções incluem aqui “nós”, sendo esta a última ocorrência desse plural em Atos. ¹⁹O texto ocidental tem: “Quando chegamos a Roma, o centurião entregou os presos ao capitão da guarda”. Seriam estes os outros presos além de Paulo, pois Lucas prosseguiu observando que a Paulo foi permitido morar por sua própria conta. ²⁰“Por sua conta” indica que ele não ficou com os outros presos que foram com ele para Roma. Provavelmente, também indica que Lucas, Aristarco e outros cristãos não puderam ficar com ele na casa, embora pudessem visitá-lo. ²¹O tratamento preferencial dado a Paulo indica que o relatório de Festo foi favorável. Não sabemos se o relatório escrito sobreviveu ao naufrágio; mas ainda que não tenha sobrevivido, Júlio poderia ter comunicado a essência dele. Provavelmente, o centurião também acrescentou seus próprios comentários favoráveis. ²²Quando fiz um *tour* em Roma, vi a casa tradicionalmente conhecida como sendo a do confinamento de Paulo, mas não se sabe exatamente onde era.

população de judeus e, no mínimo, dez sinagogas, mas Paulo não tinha a opção de ir a nenhuma delas. Ele não se intimidou: já que não podia ir até eles, convidou-os a irem até ele.

Depois de alguns dias de descanso (e provavelmente de novas amizades), Paulo “convocou os principais dos judeus” para uma reunião (28:17a): os anciãos das sinagogas, os escribas, os chefes das famílias judaicas que lideravam. Ele queria descobrir se estavam cheios do ódio que caracterizava os judeus de Jerusalém ou não. Também queria reassegurar-lhes que não estava ali para causar problemas. Acima de tudo, Paulo esperava ganhar alguns para Jesus (Romanos 9:1–5; 10:1).

E, quando se reuniram, lhes disse: Varões irmãos, nada havendo feito contra o povo ou contra os costumes paternos²³, contudo, vim preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos, os quais, havendo-me interrogado, quiseram soltar-me sob a preliminar de não haver em mim nenhum crime passível de morte. Diante da oposição dos judeus, senti-me compelido a apelar para César, não tendo eu, porém, nada de que acusar minha nação. Foi por isto que vos chamei para vos ver e falar; porque é pela esperança de Israel que estou preso com esta cadeia²⁴ (Atos 28:17b–20).

Paulo afirmou três verdades: 1) ele nada tinha feito contra os judeus; 2) os romanos nada tinham contra ele; 3) ele nada tinha contra os judeus.

Anteriormente, nesta série de estudos, vimos dois exemplos em que alguém relatou uma história colocando-se na melhor posição possível — 23:26–30 e 25:14–21. O discurso de Paulo é um exemplo de como uma história pode ser relatada fazendo com que *outros* pareçam bons (atribuindo-lhes boa vontade): 1) começou identificando-se com os ouvintes. Disse: “Varões irmãos”, “o povo”, “os costumes *paternos*”. 2) Amenizou o relato dos seus maus tratos. Escapar de um motim assassino foi narrado como “entregue nas mãos dos romanos”. 3) Fez uma distinção entre seus ouvintes e aqueles que lhe fizeram

mal. Quando se referiu aos maus tratos, não disse “você, judeus”, mas “os judeus”. 4) Atestou sua boa vontade aos ouvintes. Não fez nenhuma acusação contra eles. Novamente, encerrou identificando-se com eles. Todos os judeus sabiam o que significava sofrer perseguição “pela esperança de Israel”²⁵.

De especial interesse para os líderes judeus foi a afirmação de Paulo de que ele não trazia acusações legais contra a nação judaica. Uma década atrás, atritos entre judeus e cristãos resultaram na expulsão de todos os judeus (e cristãos) de Roma, sob o governo do imperador Cláudio (18:2). Os judeus não queriam uma repetição desse período problemático.

A resposta dos líderes a Paulo foi cautelosa, mas imparcial. Começaram dizendo: “Nós não recebemos da Judéia nenhuma carta que te dissesse respeito; também não veio qualquer dos irmãos que nos anunciasse ou dissesse de ti mal algum” (28:21). Ficamos surpresos ao saber que os judeus de Jerusalém não haviam mandado notícias de Paulo para Roma²⁶. Até onde sabemos, os judeus de Jerusalém nunca mandaram tal notícia. Provavelmente não se incomodaram, por saberem que não tinham nenhuma queixa real contra Paulo. Talvez tenham ficado contentes só em saber que ele estava preso a centenas de quilômetros dali, incapaz (pensavam eles) de afetar a causa judaica. Além disso, tendo Paulo ido embora, uma outra crise deve ter-lhes prendido a atenção — especificamente, a crescente anarquia na Palestina contra a autoridade romana.

Embora os líderes romanos nada tenham ouvido de mal sobre o apóstolo, *ouviram* relatórios negativos a respeito da causa que ele apoiava. Diferente de outros, estavam dispostos a investigar o assunto. Disseram a Paulo: “Contudo, gostaríamos de ouvir o que pensas; porque, na verdade, é corrente a respeito desta seita²⁷ que, por toda parte, é ela impugnada²⁸” (v. 22). Marcaram “um dia” para se reunirem (v. 23a) e,

²³Estas são duas das acusações recorrentes feitas contra Paulo. Ele as negou quando as ouviu. ²⁴Paulo provavelmente ergueu as mãos para dar ênfase à cadeia ou corrente presa ao seu punho. ²⁵“A esperança de Israel” referia-se primariamente à vinda do Messias e à restauração da nação israelita. Entretanto, como vimos nestes estudos, essa esperança também incluía a ressurreição dos mortos. Paulo, continuamente, insistia que estava preso por causa de sua fé na ressurreição (veja 23:6; 26:6, 7). ²⁶Sugeriu-se que não houve tempo suficiente para que a notícia chegasse a Roma, mas, vindo de Jerusalém, evidentemente, os líderes judeus em Roma pensavam que houvera tempo para isso se os colegas judeus de Jerusalém assim o quisessem. ²⁷Veja os comentários sobre Atos 24:5, 14 na lição “Paulo no Tribunal!”. ²⁸O cristianismo autêntico sempre tem sido tratado dessa maneira. Satanás fará questão de que o cristianismo do Novo Testamento seja “em toda parte, impugnado” [i.e., “mal falado”].

a seguir, foram embora.

Sem o Impedimento da Rejeição (vv. 23–29)

Quando chegou o dia, Paulo ficou com a casa cheia: “...vieram em grande número ao encontro de Paulo na sua própria residência²⁹” (v. 23b). Como ele devia estar apreensivo. Os judeus esperavam uma sessão de orientação, mas ele planejara fazer daquela ocasião um culto evangelístico. Como prometeu Jesus, ele teria oportunidade de testemunhar em Roma (23:11)!

Paulo começou com *uma mensagem de esperança* — ensinando a respeito do Rei e Seu reino. “Então, desde a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do reino de Deus³⁰, procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas³¹” (28:23). Expôs seu caso “desde a manhã até à tarde”, do nascer ao pôr-do-sol³².

Como sempre, alguns aceitaram a mensagem de Paulo e outros não: “Houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia; outros, porém, continuaram incrédulos” (v. 24). Levantou-se uma discussão entre os crentes e os descrentes: “E, havendo discordância entre eles...” (v. 25a). A discussão esquentou à medida que o dia avançava (v. 29).

Perto do fim do dia, Paulo deu uma *palavra de julgamento*, citando Isaías:

Bem falou o Espírito Santo a vossos pais³³, por intermédio do profeta³⁴ Isaías, quando disse: Porquanto o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente e fecharam os olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam, e por mim sejam curados (vv. 25c–27).

As palavras do profeta (Isaías 6:9, 10) enfatizam o perigo de não se levar a sério a Palavra de Deus. Se um homem recusa-se continuamente a aceitar a mensagem de Deus, virá um tempo em que ele

estará tão endurecido que não *poderá* aceitá-la.

Isaías aplicara essas palavras aos israelitas endurecidos contemporâneos seus. Mais tarde, Jesus aplicou-as aos judeus que rejeitaram a Ele e à Suas palavras (Mateus 13:14, 15; Marcos 4:12; Lucas 8:10; veja também João 12:40). Mais tarde, ainda, Paulo aplicou a passagem a seus colegas judeus que não estavam dispostos a aceitar o Messias (Romanos 11:8). Atos 28:26, 27 é a quarta e última vez em que tais palavras foram usadas³⁵; os corações empedernidos dos israelitas continuavam sendo o assunto em questão.

Anteriormente, sugerimos que a rejeição dos judeus em relação a Paulo e ao evangelho em Atos 21—25 marcou o início do fim de Jerusalém, que foi destruída pelos romanos em 70 d.C. Alguns também pensam que Atos 28 marca “a rejeição definitiva” dos judeus como um povo³⁶ — que esse foi “o último aviso solene para a nação judaica”³⁷. Podem estar certos³⁸.

Depois de citar Isaías, Paulo acrescentou: “Tomai, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão” (v. 28). Paulo poderia estar simplesmente afirmando que os gentios seriam mais receptivos do que os judeus foram. “A história... dá um testemunho inexpugnável da afirmação do apóstolo de que *os gentios ouviriam* a pregação da salvação”³⁹. É possível, porém, que as palavras de Paulo tenham um significado mais profundo: ele poderia estar declarando que ele não teria mais “a obrigação de ir ‘primeiro aos judeus’”⁴⁰. É digno de nota que Paulo não usou a expressão “primeiro aos judeus” em nenhuma de suas Epístolas da Prisão nem nas Epístolas posteriores (1 e 2 Timóteo e Tito). Howard Marshall disse: “Lucas pode muito bem estar apresentando [Paulo] como um exemplo para a igreja em geral seguir”⁴¹. Hoje, quando entramos numa nova comunidade, não temos a obrigação de pregar

²⁹ Alguns pensam que a “residência” aqui não era a mesma locação que a “casa” do v. 30. Não vejo razão para duvidar de que fossem a mesma coisa. Se eram ou não o mesmo local não é importante. ³⁰ Veja os comentários sobre Atos 1:3 na lição “Preparação da Última Hora”. ³¹ Veja Atos 17:1–3. ³² Durante esse período, provavelmente pessoas entraram e saíram. ³³ No v. 17 Paulo identificou-se com os líderes judeus: “paternos” [= *nosso* pais]. Mas, quando rejeitaram a mensagem de Jesus, ele se distanciou deles: “vossos pais”. ³⁴ Esta é uma passagem forte sobre a inspiração do Livro de Isaías. ³⁵ João 12:40 foi escrito mais tarde, mas João estava fazendo a mesma aplicação feita por Jesus em Mateus 13, Marcos 4 e Lucas 8. ³⁶ Bruce, p. 508. ³⁷ Rick Atchley, “A História sem Fim”, sermão pregado na igreja de Cristo Southern Hills, Abilene, Texas, em 3 de maio de 1987. ³⁸ Lucas gastou dezesseis versículos para falar dos dois anos de Paulo em Roma. Todos, exceto três, desses versículos falam da rejeição dos judeus ao evangelho. Lucas não desperdiçava espaço, de modo que o evento deveria ser relevante. O propósito sugerido parece ser o mais provável. ³⁹ Richard Oster, *The Acts of the Apostles, Part 2* (“Os Atos dos Apóstolos, Parte 2”). The Living Word Commentary Series. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1979, p. 180 (grifo meu). ⁴⁰ I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”). The Tyndale New Testament Commentaries, R. V. G. Tasker, ed. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1980, p. 425. ⁴¹ *Ibid.*

primeiro aos judeus; mas, sim, de levar o evangelho aos não judeus.

A menção de Paulo dos gentios no versículo 28 causou uma interrupção na sessão. “E, havendo discordância entre eles, despediram-se, dizendo Paulo estas palavras” (v. 25a) — palavras de julgamento.

Como em outras cidades, Paulo e sua mensagem foram rejeitados pelos judeus. Desta vez, porém, os judeus não puderam forçá-lo a sair da cidade nem apedrejá-lo até a morte (13:50; 14:5, 19), pois ele estava sob proteção do governo romano! Deus age por caminhos misteriosos!

UMA PALAVRA FINAL SOBRE O EVANGELHO (28:30, 31)

Sem o Impedimento das Cadeias (v. 30)

Ao encerrar seu relato da estada de Paulo em Roma, Lucas escreveu: “Por dois anos, permaneceu Paulo na sua própria casa” (v. 30a). Não temos certeza do motivo por que se passou todo esse tempo até que o caso de Paulo fosse ouvido. Talvez (como observamos antes) seus acusadores não tivessem mandado nenhuma notícia. Talvez seu caso estivesse agendado no tribunal somente para essa data. Qualquer que tenha sido a razão, durante esse tempo, Paulo recebeu permissão para ficar “na sua própria casa”⁴² — provavelmente paga pelos cristãos de Roma e de outros lugares⁴³.

Paulo tinha alguns privilégios (v. 30b), mas estava confinado à casa, algemado dia e noite a um soldado romano (vv. 16, 20; Efésios 6:20). À medida que os dias se transformavam em semanas, as semanas em meses e os meses em anos, ele deve ter ansiado por andar nas ruas, pregar na praça principal. Deve ter pensado nas razões por que Deus o levava até Roma, mantendo-o, depois, confinado ali. Não conhecemos a mente de Deus, mas aqui estão alguns propósitos possíveis a serem considerados:

1) Se Paulo não estivesse confinado, ele provavelmente teria passado pouco tempo em Roma. A igreja já estava estabelecida lá e ele não

gostava de “edificar sobre fundamento alheio” (Romanos 15:20c). Seu plano era fazer uma breve visita a Roma e depois viajar para a Espanha (Romanos 15:24) e outros lugares.

2) O confinamento prolongado de Paulo resultou na chegada do evangelho ao palácio do imperador. Paulo disse aos filipenses: “...de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais” (Filipenses 1:13). A guarda pretoriana era uma companhia de soldados de elite mantida “com o fim de guardar o imperador e os prisioneiros à espera de julgamento no Coorte Imperial”⁴⁴. A cada quatro a seis horas, o soldado algemado a Paulo era substituído por outro. A cada vinte e quatro horas, de quatro a seis soldados se juntavam a Paulo. Em dois anos, centenas de soldados foram expostos ao evangelho. Enquanto o apóstolo ensinava os soldados, eles não tinham outra escolha a não ser ouvir. Assim, quando Paulo e o soldado a ele algemado estavam a sós, duvido que a conversa fosse sobre o clima ou os Jogos Olímpicos. Durante o período de dois anos, alguns desses soldados provavelmente tornaram-se cristãos. Quando o dever os levava para dentro do palácio, levavam o evangelho consigo. Paulo escreveu o seguinte para a igreja em Filipos: “Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa de César” (Filipenses 4:22; grifo meu). (Finalmente, Paulo teve a oportunidade de apresentar seu caso perante o próprio Nero [Atos 27:24].)

3) Durante o ministério de Paulo em Roma, por causa de sua prisão domiciliar, ele esteve protegido pela coroa! Paulo reconheceu a sabedoria da providência de Deus: “...as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho” (Filipenses 1:12).

Sem o Impedimento das Autoridades Romanas (vv. 30, 31)

Durante a prisão, Paulo recebeu permissão para abrir a casa: “...onde recebia todos que o procuravam” (v. 30b) — judeus e gentios, cristãos e não cristãos igualmente. Ele estava “pregando

⁴²Roma ficou responsável por cuidar de Paulo e guardá-lo durante sua estada em Roma. É possível que ele mesmo tenha alugado a casa, para que tivesse mais liberdade em utilizar os recursos. Fundos “gratuitos” do estado com certeza incluem exigências. ⁴³Veio ajuda financeira de Filipos durante esse período (Filipenses 2:25; 4:10–14, 18). Alguns também especulam que Paulo pode ter recebido uma herança nesse tempo. Alguns até pensam que Paulo sustentou-se fazendo tendas, mas isto parece improvável. ⁴⁴J. W. McGarvey, *New Commentary on Acts of Apostles* (“Novo Comentário de Atos de Apóstolos”), vol. 2. Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., p. 287.

o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo⁴⁵” (v. 31). O grego traduzido por “com toda a intrepidez” refere-se à pregação pura, clara e intrépida⁴⁶.

Além do ensino oral, Paulo estendeu sua influência por meio da escrita. Algumas de suas mais belas epístolas foram escritas durante esse período⁴⁷: Efésios, que fala de Cristo e Sua igreja; Filipenses, a carta de amor de Paulo à igreja em Filipos; Colossenses, na qual as palavras de Paulo combatem a heresia exaltando Jesus; e Filemom, uma carta pessoal a um amigo. Essas cartas acrescentam muito ao que se sabe de Paulo no período em que esteve em Roma.

Velhos amigos, como Lucas e Timóteo⁴⁸, estavam com Paulo. Digno de menção especial é João Marcos, que havia se reconciliado com o apóstolo⁴⁹. Outros colaboradores são Aristarco⁵⁰, Epafrodito, Tíquico, Justo, Epafras e Demas⁵¹. Muitos certamente foram enviados por Paulo para levar o evangelho a todas as partes do império.

As Epístolas da Prisão também revelam que Paulo continuava preocupado com as igrejas que, direta ou indiretamente, ajudara a estabelecer (veja Filipenses 4:1)⁵² — e com as quais tentava manter contato. Algumas congregações enviaram representantes a Roma (veja Filipenses 4:18). Paulo também mandou mensageiros às igrejas para informar-lhes sua condição e relatar as necessidades espirituais desses irmãos⁵³.

Talvez seja de maior interesse a visão que as cartas dão do estado mental de Paulo. Ele falou de “combate”, “sofrimentos” e “grande luta” (Filipenses 1:30; Colossenses 1:24; 2:1). Estava sentindo os efeitos da idade e dos constantes maus tratos que recebera (Filemom 9). Uma

preocupação especial sua eram os irmãos de Roma que estavam “[proclamando] a Cristo por inveja e porfia... julgando suscitar tribulação às minhas cadeias” (Filipenses 1:15, 17). Em todos esses problemas, Paulo manteve uma atitude positiva: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13; veja também Colossenses 1:29)⁵⁴. Independentemente do que o futuro trouxesse — fosse ele solto ou sentenciado à morte — ele estava preparado (Filipenses 1:19–24, 27; 2:17)⁵⁵.

A maior preocupação de Paulo sempre foi a propagação do evangelho. Ele pediu orações “para que Deus nos abra porta à palavra... para que eu o manifeste, como devo fazer” (Colossenses 4:3, 4)⁵⁶. Escreveu o seguinte com grande alegria:

Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho; de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais; e a maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousam falar com mais desassombro a palavra de Deus (Filipenses 1:12–14).

Deus respondeu as orações e abençoou os esforços de Paulo. Além do impacto sobre os soldados da guarda pretoriana e da conversão de alguns da casa de César (Filipenses 1:13; 4:22), sabemos de uma outra conversão notável em Roma: um soldado fugitivo chamado Onésimo, que fugiu da capital e, de alguma forma, veio a ter contato com Paulo (Filemom 10–21). Sem dúvida, muitos outros foram salvos em Roma e nas regiões circunvizinhas porque Paulo pôde pregar e ensinar “com toda a intrepidez... as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo” (Atos 28:31).

Isso nos leva à última “palavra final” de

⁴⁵Esse título inteiro “o Senhor Jesus Cristo” engloba todas as tremendas verdades a respeito do nosso Senhor e Mestre. ⁴⁶Adaptado de John R. W. Stott, *The Message of Acts* (“A Mensagem de Atos”). Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1994, p. 400. ⁴⁷Em todas essas cartas, Paulo referiu-se a ser prisioneiro (Efésios 3:1; 4:1; Filipenses 1:13; Colossenses 4:3, 18; Filemom 1, 9, 13). Há muitos elos entre essas cartas (as mesmas pessoas estavam com Paulo, os mesmos indivíduos entregaram as cartas, etc), o que nos leva a concluir que todas foram escritas à mesma época e no mesmo lugar. Como, em uma delas, Paulo fez menção da “casa de César” (Filipenses 4:22; veja também 1:13), a maioria acredita que foram escritas em Roma, durante a primeira prisão de Paulo lá. Alguns também acreditam que Paulo tenha sido o autor de Hebreus, que poderia ter sido escrita durante esse período (veja Hebreus 13:19, 23, 24). ⁴⁸Veja Filipenses 1:1; 2:19–23; Colossenses 1:1; 4:14; Filemom 24. ⁴⁹Veja Colossenses 4:10; Filemom 24; Atos 13:13; 15:36–40; 2 Timóteo 4:11. ⁵⁰Aristarco viajara com Paulo até Roma. ⁵¹Veja Efésios 6:21; Filipenses 2:25; Colossenses 1:7; 4:7, 10, 11–14; Filemom 23, 24. Quanto a Demas, veja também 2 Timóteo 4:10. ⁵²Isso incluía igrejas como Colossos e Laodicéia, que provavelmente foram estabelecidas como resultado de seu trabalho em Éfeso, embora ele não houvesse pregado pessoalmente nessas cidades (Colossenses 1:7, 8; 2:1; 4:16). ⁵³Veja Efésios 6:21; Filipenses 2:19, 23, 25–30; Colossenses 4:7, 8, 10. ⁵⁴Filipenses 3 e 4 é o “livro-texto” original do “poder do pensamento positivo”. ⁵⁵Paulo esperava ser solto (Filipenses 1:25, 26; 2:24; Filemom 22), mas ser solto não era uma questão de importância pessoal para ele. ⁵⁶Poderia estar pensando especialmente na oportunidade de pregar ao próprio Nero.

Lucas — literalmente a última palavra que ele escreveu em Atos [no original grego]. Essa palavra final é a palavra chave, a mais importante: “pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo” (v. 31; grifo meu). As mãos de Paulo estavam algemadas, mas sua língua estava livre. Ele não podia se movimentar livremente, mas o evangelho podia. Estava encarcerado, mas a Palavra não (2 Timóteo 2:9).

Nessa síntese de vitória, com o anúncio de que o evangelho estava sendo propagado por todo o mundo, Lucas guardou a pena.

CONCLUSÃO

O título desta lição, “Uma Palavra Final”, refere-se apenas às palavras finais do Livro de Atos. Em 10 de novembro de 1942, Winston Churchill dirigiu-se a um público apreensivo. Quatro dias atrás, Hitler havia bombardeado Londres. O que o primeiro ministro britânico poderia dizer para dar esperança a um povo abatido? Devagar, ele pronunciou as seguintes palavras imortais: “Este não é o fim. Nem é o começo do fim. Mas, talvez, seja o fim do começo”. Podemos adaptar essas palavras da seguinte maneira: Atos 28 não é a palavra final sobre a propagação do evangelho; é só a palavra final sobre o *começo* da propagação das boas novas. Na próxima (e última) lição desta série, observaremos um pouco da subsequente empolgação depois de Lucas ter escrito *sua* palavra final.

Ao encerrarmos, tudo o que posso fazer é pensar: qual será nossa “palavra final” sobre nossas próprias vidas em relação ao evangelho? Temos contribuído para a propagação do evangelho por todo o mundo, como Paulo fez? Temos, ao menos, contribuído para propagar o evangelho pelo nosso bairro ou cidade? Que trágico seria se essa palavra final fosse: “Ele só pensou em si mesmo; só se preocupou consigo mesmo; só viveu para si mesmo”. “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mateus 16:26)⁵⁷. ❖

⁵⁷Se usar esta lição como um sermão, os ouvintes devem ser estimulados a fazer o que for necessário para tornar suas as seguintes palavras finais: “Ele amou a Deus e à humanidade, de modo que obedeceu a Deus e serviu o próximo!”

A Atitude de Paulo em Relação à Sua Prisão

Durante o estudo do último um quarto de Atos, fiquei fascinado com os termos usados por Paulo referindo-se à razão (ou às razões) da sua prisão. Ao Sinédrio, ele insistiu: “No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado!” (Atos 23:6; 24:21). Perante o rei Agripa, ele disse: “E, agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais” (26:6). Quando chegou a Roma, disse aos líderes judeus: “... porque é pela esperança de Israel que estou preso com esta cadeia” (28:20).

Quando escreveu suas Epístolas da Prisão, declarou que era “o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios” (Efésios 3:1) e “o prisioneiro no Senhor” (Efésios 4:1). Falou das “minhas cadeias, em Cristo” (Filipenses 1:13), dos “meus sofrimentos por vós” (Colossenses 1:24) e do “mistério de Cristo¹, pelo qual também estou algemado” (Colossenses 4:3). Em sua carta a Filemom, novamente ele se disse “prisioneiro de Cristo Jesus” (Filemom 1, 9) e falou das “algemas que carrego por causa do evangelho” (Filemom 13).

Paulo não via suas algemas como “a decisão injusta de um tribunal” nem como “um castigo (imerecido) do Senhor”. Pelo contrário, ele via as algemas como parte dos planos e propósitos superiores de Deus — elaborados para propagar o evangelho, para ajudá-lo a amadurecer em Cristo e para glorificar seu Senhor.

Da próxima vez que você se sentir “prisioneiro” de uma situação fora de seu controle ou “algemado” por problemas aparentemente sem solução, pode lhe ser útil pensar em si mesmo não como vítima das circunstâncias, mas como “um prisioneiro do [e pelo] Senhor”. Quem sabe? Deus pode ter um propósito para o seu dilema como teve para o de Paulo (Romanos 8:28)!

¹“O mistério de Cristo” refere-se ao ensino do Novo Testamento relativo ao Messias, que não foi completamente entendido pelos homens até que seu significado total fosse revelado a Paulo e a outros homens inspirados (Efésios 3:3–5).